

v.2, n.9, 2025 - Setembro

REVISTA O UNIVERSO OBSERVÁVEL

ÍNDIO BRASILEIRO, ROUPAGEM EUROPEIA: A Idealização Do Herói Indígena Em O Guarani, De José De Alencar

André Luis Ferreira¹

Revista o Universo Observável

DOI: 10.5281/zenodo.17039469

ISSN: 2966-0599

¹Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa (UVA-2015)
Licenciatura em Letras: Libras (Uniasselvi-2022)
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade Kurios - 2016)
Especialista em Libras (UCAM - 2017)
Intérprete Educacional na Uniasselvi
E-mail: andreipuferreira@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-49601725>



**ÍNDIO BRASILEIRO, ROUPAGEM EUROPEIA: A Idealização Do
Herói Indígena Em O Guarani, De José De Alencar**

André Luis Ferreira



PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE

ISSN
International Standard Serial Number
2966-0599

www.ouniversoobservavel.com.br

Editora e Revista
O Universo Observável
CNPJ: 57.199.688/0001-06
Naviraí – Mato Grosso do Sul
Rua: Botocudos, 365 – Centro
CEP: 79950-000

RESUMO

O presente artigo aborda a idealização do herói indígena na construção da identidade nacional. A pesquisa se dá, principalmente, a partir da abordagem de Peri, personagem de O Guarani, de José de Alencar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de valor qualitativo, baseada em autores como Assis (1873), Candido (2000), Marco (2004), Moisés (1992), Preti (1975), entre outros. Com este estudo, percebeu-se que Peri conquista sua condição de herói por sua força, inteligência e polêmica idealização heróica. O índio, como herói, é revestido com roupagem estrangeira - a versão indígena do cavaleiro. Contudo, o cenário busca a valorização da cultura local, à ligação entre homem e paisagem, às raízes ligadas à identidade nacional.

Palavras-chave: identidade nacional; o guarani; índio brasileiro; romance indianista.

RÉSUMÉ

Cet article traite de l'idéalisation du héros indigène dans la construction de l'identité nationale. La recherche se déroule principalement dans le caractère d'approche Peri des Guarani, des José des Alencar. Il est une recherche bibliographique, la valeur qualitative, basée sur des auteurs comme Assise (1873), Candido (2000), Marco (2004), Moisés (1992), Preti (1975), entre autres. Avec cette étude, il a été noté que Peri gagner son statut de héros pour leur force, de l'intelligence et de la controverse idéalisation héroïque. L'Indien, comme héros, est revêtu d'habit étrangère - la version indienne du chevalier. Toutefois, le scénario de recherche de l'appréciation de la culture locale, le lien entre l'homme et le paysage, les racines liées à l'identité nationale.

Mots-clés: l'identité nationale; les guarani; indien du brésil; roman indianiste.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho compreende uma análise da obra "O Guarani", publicada em 1857, de autoria de José de Alencar, discutindo a contribuição da obra e do escritor à literatura brasileira no que concerne à formação da identidade nacional. Para a intenção, selecionou-se o personagem Peri - o índio herói, com roupagem estrangeira.

Para um maior aprofundamento da temática, houve a necessidade de estudos relacionados à pesquisa, com esse propósito utilizou-se como embasamento teórico Assis (1873), Candido (2000), Marco (2004), Moisés (1992), Preti (1975), entre outros.

O artigo encontra-se dividido em três seções. A primeira, refere-se à construção do herói em peri que aborda as características do índio brasileiro com roupagem europeia. A segunda, analisando o cenário europeu de *o guarani* e a interferência indígena que busca a valorização da cultura local, que trata da ligação entre homem e paisagem. E a terceira, que discute a narrativa e linguagem: o índio em *o guarani* intenta refletir uma identidade própria, o que se faz possível a partir dos recursos existentes na narrativa.

Em termos de análise, sobre tal panorama abordado, observa-se uma possível intenção do escritor em propor uma nova roupagem ao fazer literário, em busca das raízes ligadas à identidade nacional. Nesta conjuntura, alude-se, então, que este assunto é de suma importância para a comunidade acadêmica, pois poderá auxiliar, grosso modo, no surgimento de novas pesquisas.

2 A CONSTRUÇÃO DO HERÓI EM PERI

O Romantismo surgiu na Europa, século XVIII, em meio às mudanças socioeconômicas provocadas pelas Revoluções Industrial e Francesa. Tal Movimento volta-se para o ramo das artes e possui como objetivo principal quebrar as regras impostas pela Antiguidade Clássica no que se refere à maneira de criar e recriar o objeto artístico, como, por exemplo, a literatura e a pintura.

A criação/recriação da arte contribuiu com a

construção da Identidade Nacional, por meio da individualização e a diversificação dos poetas. Tratou também, segundo Moisés (2008, p. 169), "[...] do repúdio aos clássicos, ou melhor, os neoclássicos, os românticos revoltaram-se contra as regras, os modelos, as normas, batem-se pela total liberdade na criação artística, e defendem a mistura e a impureza dos gêneros literários". Diante desta reflexão, percebe-se que até então para se fazer arte, era preciso estar ligado às normas do passado. Assim, com o advir da Escola Romântica, o artista poderia usufruir de sua liberdade por meio da emoção, na qual expressava o que sentia com a linguagem popular em versos simples, no plano literário. Essa inovação se espalha pela Europa, em contribuição à opulência das nações, através de uma estética que refletisse a autonomia artística.

No Brasil, século XVIII, surge a necessidade entre escritores como Gonçalves Dias e José de Alencar, de construir a identidade brasileira, sendo que este último destaca-se pela busca de fortalecer a literatura nacional, instituindo a figura do índio como herói, na qual canta a sua Pátria, com o objetivo de abandonar o estrangeiro, ou seja, Portugal. Em alusão ao amadurecimento desse desejo, Assis (1873, p. 28), ressalta: "[...] quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país [...]". Debruçando-se sobre esta temática, e refletindo o que enuncia o autor, percebe-se que, em suas palavras, Machado de Assis aponta a importância dessa aspiração em se criar e recriar uma literatura que venha a contribuir com a construção do progresso nacional nos âmbitos artísticos.

A partir dessa perspectiva, é apresentada a figura do herói, que desde os primórdios se faz suplemento à necessidade espiritual do homem, na qualificação de protetor de suas fobias. Em alusão a esta interpelação, Moisés (1992, p. 272) defende: "[...] herói é um homem divinizado, filho ou descendente de deuses [...]". É importante ressaltar que esse elemento aparece em diversas formas e conceitos, ou seja, depende do contexto que se insere. Diante dessa reflexão, diz-se que Alencar vai além,

teoriza sua epopeia com características míticas, na qual o herói representa seu povo, com a face do Brasil, fortalecendo assim a construção da Identidade Nacional. Com essa aspiração, o poeta utiliza os feitos nativistas, na figura do índio, visto como elemento básico da Pátria.

Especificamente se voltando à literatura, em Alencar, têm-se as obras *Iracema* (1865), *Ubirajara* (1874) e *O Guarani* (1857); todos seus protagonistas índios, idealizados como os heróis da nação brasileira, na qual se converte em um símbolo de nacionalidade que apresenta, segundo Candido (2000, p. 19), “[...] o indianismo dos românticos, porém, preocupou-se sobremaneira em equipá-lo qualitativamente ao conquistador, realçando ou inventando aspectos do seu comportamento que pudessem fazê-lo ombrear com este – no cavalheirismo, na generosidade, na poesia [...]”. Por meio desse panorama, vê-se que os românticos brasileiros reclinavam-se diante dos elementos da Pátria de forma que se opunham aos moldes portugueses, principalmente na construção da figura do nativo como herói, passando a substituir o cavaleiro europeu.

Partindo desse ponto de vista, tem-se como objeto de pesquisa a obra *O Guarani*, de José de Alencar, publicada em 1857, na qual os fatos narrados vão muito além das peripécias de amor, inclui-se também a tentativa da gênese do Romance Nacional, a partir do mito heróico. Na obra, o personagem Peri é um índio que Alencar desenha como o herói da nação brasileira, por ser nativo da terra, na qual vivia da agricultura, da caça, da pesca. Fabricava objetos da matéria prima extraídos da natureza como, por exemplo, para confeccionar a flecha, canoa, além de conhecer os mistérios da mata e a relação social exercida em comunidade. Em sua concepção, não poderia existir elemento mais apazível do que o selvagem que muito antes da chegada dos portugueses, já habitava o Brasil.

Em relação a essa abordagem, Marco (2004, p. 14) afirma: “Peri conquista a condição de herói onipresente não apenas por sua força, mas, sobretudo, por inteligência e por sua condição de depósito do saber acumulado por sua raça”. Diante dessa vertente, o índio ganha espaço na obra por ser conotado como uma espécie de alegoria, na qual passa a representar a ideologia que caracteriza a identidade nacional. Com base nessa essência, o selvagem é denominado como rei da floresta, em que o escritor o traça com toda sua majestade, o que se refere não só a seu aspecto físico, como de suas atitudes, fazendo jus à nação brasileira. O fragmento abaixo ilustra tal idealização:

O índio, que ao movimento da onça acurvara ligeiramente os joelhos e apertava o forcado, endireitou-se de novo; sem deixar a sua posição, nem tirar os olhos do animal, viu a banda que parara à sua direita. Estendeu o braço e fez com a mão um gesto de rei, que rei das florestas ele era, intimando aos cavaleiros que continuassem a sua marcha. [...] Quando o animal, quase asfixiado pela estrangulação, já não fazia senão uma fraca resistência, o selvagem, segurando sempre a forquilha, meteu a mão debaixo da túnica e tirou uma corda de ticum que tinha enrolada à

cintura em muitas voltas (Alencar, 2002, p. 22 - 24).

A partir do recorte acima, percebe-se que a ação do índio na obra é plausível, pois como habitante primitivo das terras exploradas pelos europeus, na pessoa dos portugueses, conhece os segredos da natureza na qual domina a fauna e a flora. Até aqui, pode-se perceber que o herói criado por Alencar traça características relevantes à construção do mito heróico no desenvolvimento da identidade nacional. No entanto, analisando outras passagens da obra, o poeta se contradiz em suas palavras no momento em que tece suas ideias sobre o nativo.

Há momentos que o selvagem se apresenta como herói, outras vezes anti-herói, por exemplo, tem-se a cena em que o índio aceita de presente a arma de Ceci, para se defender. “O rosto de Peri irradiava com o sentimento de um gozo imenso, de uma felicidade infinita; meteu as pistolas na cinta de penas e ergueu a cabeça orgulhosa, como um rei que acabasse de receber a unção de Deus” (Alencar, 2002, p. 53). Acerca da citação supracitada, defende-se uma reflexão a respeito da ação do selvagem: que se apropria da arma do homem branco, podendo estar de porte de armas confeccionadas pelos homens da tribo, com o arco e flecha, que é feito de material da própria natureza, não contendo partes de metal como do colonizador.

Debruçando-se ainda sobre a figura do selvagem, voltando os olhos para seu porte físico, trata-se de uma criatura que, apesar do desejo do romancista representar a nação, é tingindo com aspecto europeu proveniente das novelas de cavalaria, na qual se distancia dos nativos do Brasil. O fragmento da obra abaixo demonstra o estado físico do índio idealizado por Alencar (2002 p. 20-21):

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte, mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência. Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham rogar com as pontas negras o pescoço flexível. Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida.

Pelo que se observa, o índio daquela época era diferente do idealizado por Alencar. Em termos de reflexão, como um índio “tinha as mãos delicadas”? Era frágil, fazia trabalhos escravistas; sendo assim desvalorizado, visto como escravo. A partir desta perspectiva, o escritor romântico procurou criar um índio que pudesse representar o homem brasileiro e as riquezas da flora. Todos os elementos que constituem o enredo desta epopeia, como o

espaço, o tempo e o personagem são de caráter fantasioso, não verossímil a características indígenas - era forte, valente, piedoso aos seus senhores. Hughes (1999, p. 328) diz que “[...] o cavaleiro ideal deveria ser piedoso, generoso, intrépido e devotado ao seu soberano”.

Em termos de análise, o próprio Peri pode ser considerado um anti-herói brasileiro, pois, segundo Köthe (1987, p.16), “[...] o anti-herói só deixa de ser herói por ele não se enquadrar no esquema de valores subjacentes ao ponto de vista narrativo”, ou seja, traz consigo características do cavaleiro europeu, com porte físico que não venha a refletir, representar o nativo do Brasil.

Essa abordagem ainda se faz presente na obra, nas ações do índio, quando procura ser gentil com sua senhora, Ceci que é vista como Nossa Senhora, na qual o que sente não é amor, mas devoção, por sua beleza. Nesta vertente, Alencar destaca seu personagem Peri, por apresentar o nativo de forma diferente dos cavaleiros das novelas de cavalarias, sendo que esta última tem a figura feminina como a amada, ao contrário da primeira que a tem como figura surreal, por sua estética. No entanto, o índio expressa uma característica que não condiz com sua cultura, como selvagem, ou seja, trata-se de um personagem com personalidade civilizada como, por exemplo, sua gentileza com Ceci.

[...] o fidalgo com a sua lealdade e o cavalheirismo apreciava o caráter de Peri, e via nele embora selvagem, um homem de sentimentos nobres e de alma grande. Como pai de família estimava o índio pela circunstância a que já aludimos de ter salvado sua filha, circunstância que mais tarde se explicará. [...] embora ignorante filho das florestas, era um rei; tinha a realeza da força. Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou tímido e modesto; já não era mais do que um bárbaro em face de criaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia (Alencar, 2002, p. 64 – 99).

Partindo do fragmento esboçado por Alencar na obra, vê-se que o índio, apesar de ser filho da flora, é visto como indivíduo civilizado, domesticado aos moldes europeus, tendo seu caráter respeitado e admirado pelo fidalgo por proteger Ceci e por seguir o preceito cristão - não como submissão, mas adesão aos seus valores, assim como os cavaleiros europeus. É com essa marca que o romancista pinta o seu personagem presente na sua epopeia brasileira.

3 O CENÁRIO EUROPEU DE O GUARANI E A INTERFERÊNCIA INDÍGENA

A idealização do índio, por Alencar, oferece como herói “[...] um elemento nativo único, mas ideal, pois concretamente o processo de extinção da nação indígena ia acelerado”. (Zilberman, 1977, p. 150). A partir do exposto, procura-se espelhar traços da cultura brasileira como forma de fortalecer os valores nacionais em busca de uma identidade própria. Traçado tal panorama, faz-se necessário uma abordagem sobre o cenário presente na

obra do romancista, na qual se verifica a sua importância na narrativa por ser a estrutura local ligada à ação do personagem Peri. Em termos de caracterização, Santos Filho (2009, p.26 *apud* Tuan, 1983, s/p.), atribui ao cenário:

[...] o caráter de lugar quando lhe conferimos todo um referencial, passamos a identificar nele um significado e ainda o percebemos a partir de nossas afeições. O lugar então é simbólico, pois ele é passível às abstrações. Fazemos do lugar nosso reduto de apoio físico, moral e espiritual.

Em termos de reflexão, percebe-se que o espaço trata-se de um lugar que retrata os fatos e circunstâncias da narrativa; tal abordagem se dá na figura do personagem Peri que é um selvagem bom e corajoso que domina a natureza, conhece os segredos da fauna e flora, arrisca sua vida para a felicidade de Cecília, salvando-a de ser esmagada por uma grande pedra, desce num ninho de cobras e répteis sem ser molestado. O papel de referência espacial contém uma carga semântica posta como símbolos, que representam informações dos acontecimentos literários presentes na obra através das ações do nativo que são semelhantes ao herói europeu, por sua agilidade e nobreza para com o estrangeiro. Referindo-se ao romance romântico criado por Alencar, são tecidos espaços nos quais são desenvolvidas as tramas na prosa. É o que está exposto no recorte abaixo:

É o Paquequer: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito. [...] Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes. A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras (Alencar, 2002, p. 07).

Já no início da epopeia, o autor inicia a narrativa com a descrição do cenário no qual irá ocorrer a narrativa épica; apresentando a natureza como elemento essencial, no que se configura o rio apresentado como rei da floresta, por sua capacidade de se movimentar em meio aos espaços existentes até chegar ao seu destino final, a um lago tornando-se fonte de sobrevivência; além de vangloriar a floresta denominando-a como riqueza, pois até então não fora desbravada.

A partir desta perspectiva, tem-se Peri, índio construído com traços poéticos nos quais, segundo Pesavento (1995, p. 117), “[...] os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador”. Ou seja, o romancista degusta dos vários sabores de se escrever, não estando preso à forma fixa, é livre para criar e recriar sua arte literária através dos

aspectos representativos. Exemplificando tal discussão, tem-se a seguinte passagem da obra de Alencar (2002, p.60), “[...] segue rapidamente o rio sobre essa ponte aérea, e conseguiu escondido pelas folhas, colocar-se perpendicularmente ao lugar onde se fazia sentir a oscilação dos arbustos”.

Em termos de reflexão a partir do fragmentocitado, vê-se que o selvagem movimenta-se na mata sem sentir dificuldades, pois, é seu habitat natural; é importante ressaltar que além de o índio estar ligado à vivência na mata, também se adapta aos costumes da vida do homem civilizado, em outro espaço esboçado pelo romancista, a casa do fidalgo português que apresenta características dos edifícios europeus, com traços dos Castelos da Idade Média, em meio à floresta tropical. O fragmento abaixo demonstra tal questionamento.

Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique. A esplanada, sobre que estava assentado o edifício, formava um semi-círculo irregular que teria quando muito cinquenta braças quadradas; do lado do norte havia uma espécie de escada de lajedo feita metade pela natureza e metade pela arte. Descendo dois ou três dos largos degraus de pedra da escada, encontrava-se uma ponte de madeira solidamente construída sobre uma fenda larga e profunda que se abria na rocha (Alencar, 2002, p. 08).

Diante do fragmento da obra, exposto acima, percebe-se que este cenário em termos de análise sobre sua existência e funcionalidade, enquadra-se nas regras de se fazer arte, segundo Aristóteles (1997, p. 28), que diz: “[...] é evidente que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade”. É plausível o desejo de Alencar escrever uma narrativa a partir dos elementos existenciais sob os olhos do verossímil ou da necessidade como a fauna, a flora, os edifícios presentes na obra, como a casa de D. Mariz e a pequena cabana na qual mora o índio Peri, os quais são essenciais para o desenvolvimento dos fatos narrativos, propondo assim uma melhor coerência.

Partindo deste viés, e do desejo de Alencar em apresentar um romance que auxiliasse no amadurecer da identidade nacional, o poeta tece a narrativa com elementos que, em parte, faz jus à própria pátria, como a descrição do rio Paquequer em meio à floresta brasileira; entretanto, o escritor ao construir outros cenários, os desenha com traços estrangeiros, quando, por exemplo, pinta a casa de D. Muniz no estilo europeu em meio ao sertão brasileiro. Diante desse panorama, percebe-se que o romancista não esboça os cenários de sua epopeia com traços propriamente nacionais, vê-se que ainda está preso aos moldes estrangeiros, quando cria um Portugal com seus costumes e personagens na qual refletem a terra lusitana.

Para D. Antônio e para seus companheiros a quem ele havia imposto sua fidelidade, esse torrão brasileiro, esse pedaço de

sertão, não era senão um fragmento de Portugal livre, de sua pátria primitiva. [...] Estes, apesar das precauções que tomavam contra os ataques dos índios, fazendo paliçadas e reunindo-se uns aos outros para defesa comum, em ocasião de perigo vinham sempre abrigar-se na casa de D. Antônio de Mariz, a qual fazia às vezes de um castelo feudal na Idade Média (Alencar, 2002, p. 13-14).

Em termos de abordagem, reflete-se que a mansão do personagem D. Mariz se caracteriza como castelo da Idade Média com toda sua estrutura, no que se refere, especificamente, à defesa contra os ataques dos inimigos. Alencar, em sua prosa, apresenta uma dualidade por parte dos traços presentes em toda a obra, ou seja, há momentos em que os fatos ocorrem em meio ao habitat natural referente ao cenário brasileiro, em outras ocasiões, em espaços com característica europeia; observa-se uma espécie de dois mundos em conflito.

Pode-se denominar tal ocorrência como ambientação. O personagem Peri, na obra, movimenta-se em meio a locais diversificados, obtendo um sentido conotativo em suas ações por possuir valor simbólico. Sobre essa perspectiva, Dimas (1985, p.20), define ambientação como “[...] conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa a noção de um determinado ambiente. [...] onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se certo conhecimento de arte narrativa”. Enquanto o espaço é denominado como local no qual possa ocorrer tudo quanto for ligado à realidade. A partir do empírico, a ambientação tem o papel de concretizar este espaço, ou seja, trata-se da ocasião de se desenvolver a cor local na qual o escritor tem a liberdade de criar e recriar o ambiente artístico.

Diante deste eixo, há realização de certos ambientes que refletem a sua importância para o desenvolvimento dos fatos na prosa. Em termos de apreciação sobre o que está descrito no recorte abaixo, da obra alecariana, o personagem D. Mariz faz do pequeno sertão um verdadeiro âmbito português, ou pedaço de Portugal. Percebe-se que ao gritar, o fidalgo sente-se em paz, seguro ao viver em terras que fora conquistadas por sua valentia, na qual há a existência dos costumes lusitanos, servindo de gancho para que o selvagem, na imagem do índio, venha a aderir alguns costumes e crenças.

Aqui sou português! Aqui pode respirar à vontade um coração leal, que nunca desmentiu a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelo meu braço, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás n’alma de teus filhos. Eu o juro! [...] Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem! (Alencar, 2002, p.11- 41).

O índio passa a aderir aos costumes do homem branco, não por se submeter inferior, mas por sentir a necessidade de estar próxima de sua senhora, que a vê com admiração, simpatia, veneração, enquanto que Álvaro e Loredano tinham um sentimento respeitoso e ardente,

respectivamente, por Ceci. A partir deste panorama, o selvagem nas palavras de D. Mariz é visto com um guerreiro europeu, ou seja, trata-se de uma versão do cavaleiro europeu com vestes tropicais. Dentre os fatos ocorridos na narrativa tecida por Alencar, tem-se a presença de fatos com características reais sob a óptica da necessidade e da verossimilhança.

Tanto na representação dos caracteres como no entrosamento dos fatos, é necessário sempre ater-se à necessidade e à verossimilhança, de modo que a personagem, em suas palavras e ações, esteja em conformidade com o necessário e verossímil, e que ocorra o mesmo na sucessão dos acontecimentos (Aristóteles, 1997, p. 23).

Partindo desta perspectiva teórica, faz-se necessário, por parte do romancista, desenvolver pinturas em suas obras que possam expressar ao leitor fatos com coerência real ou mesmo da necessidade, na qual poderiam acontecer, na qual se enquadre em locais adequados para ocorrência de maneira sucinta às ações dos personagens em ressonância com as circunstâncias existentes no romance. Na obra *O Guarani*, como já mencionado, o índio Peri, é tido como herói da nação brasileira, por possuir traços ligados à terra. Diante desta abordagem, o selvagem se apresenta em dois mundos, como é mostrado no fragmento abaixo:

O pobre índio tímido e esquivo, não se animava a chegar-se à casa, senão quando via de longe a D. Antônio de Mariz passeando sobre a esplanada; adivinhava que naquela habitação só o coração nobre do velho fidalgo sentia por ele alguma estima. Havia quatro dias que o selvagem não aparecia; D. Antônio supunha já que ele tivesse voltado com sua tribo para os lugares onde vivia, e que só deixara para fazer a guerra aos índios e portugueses. [...] O fidalgo não sabia o que mais admirar, se a força e heroísmo com que ele salvara sua filha, se o milagre de agilidade com que se livrara a si próprio da morte (Alencar, 2002, p. 96-106). Vê-se que o selvagem vive em contextos diversificados, como selvagem da floresta, na qual conhece os segredos e dificuldades da mata, a ele natural por ser seu berço. No entanto, o índio tem que se adaptar aos moldes do homem europeu, partindo de seus costumes, hábitos, tendo assim a (des) construção do herói nacional, devido estar ligado aos traços estrangeiros, não se pintando totalmente às cores do Brasil.

4 NARRATIVA E LINGUAGEM: O ÍNDIO EM O GUARANI

O ideal indianista de Alencar desenha o selvagem da floresta como herói nacional, buscando o fortalecimento e representação de uma literatura própria do Brasil, com traços autênticos. Ao desligar-se dos moldes estrangeiros, encontra nos elementos da Pátria, para a abordagem artística, solo fértil à narrativa romântica. Entretanto, a respeito desta temática heróica desenvolvida pelo escritor,

sob óptica da crítica, há presença de vestígios de influência europeia, no que diz respeito à construção do índio Peri. Proença (1980) reflete sobre este panorama da seguinte maneira:

O tema do bom selvagem foi neste caso aproveitado para dar novo tempero a um romance com veleidades históricas, que lembra muito de perto os trechos de capa e espada, uma das modernas derivações da novelística medieval. A técnica da ficção de capa e espada repete de algum modo os mesmos processos da novela de cavalaria, inclusive no abuso do imprevisto. O recurso antigo à interferência de um fator miraculoso, como solução de aperturas, foi substituído pelo acaso feliz, pela obra do imprevisto, ou diluído na própria exuberância das façanhas inacreditáveis (Proença, 1980, p. 109).

A ideologia heróica posta pelo romancista cearense, José de Alencar, propõe a figura do nativo da mata como tema tanto para valorização histórica quanto para a representação da originalidade na literatura brasileira. Contudo, o crítico Manoel Cavalcanti Proença (recém-citado), em seus estudos, aponta traços semelhantes na construção do personagem indígena com o cavaleiro medieval; por possuir o selvagem os requisitos exigidos para um herói, como por exemplo, coragem em enfrentar os perigos da mata, porte físico - descrito como homem musculoso - por sua força e, principalmente, por conhecer os segredos da floresta.

Em concordância à assertiva, Meyer diz (1964, p. 146) que “[...] Peri é a versão indígena de um cavaleiro sem mancha nem medo. O próprio Alencar, pela boca de Dom Antônio de Mariz, como a prever as inevitáveis críticas, deixa isso claro: crede-me, Álvaro, é um cavaleiro português no corpo de um selvagem!”, verifica-se nesta abordagem que, além do físico e sua experiência na mata, apresenta características que o aproximam do herói europeu: valente, espontâneo em suas tarefas; assim se observa a existência da figura de um herói nacional fragmentado, que apresenta traços estrangeiros. Meyer (1964, p.147) ressalta: “[...] não se diga que este cavaleiro é um bugre de arco e flecha: na grande cena combate com os Aimorés, ele traz um pesado montante de lidador, e a descrição caberia muito bem numa batalha medieval ao gosto de Herculano”. Ou seja, trata-se de um personagem que perpassa dualidades tanto na roupagem em que o identifica como herói, como em suas ações, apresentado como homem ao estilo europeu, forte, viril, civilizado.

Exemplificando melhor tal abordagem, tem-se como fator a alusão trechos da obra *Eurico*, o Presbítero, em que o personagem Eurico salva sua amada Hermengarda, que se encontra sob o poder dos árabes, “tomando-a nos braços, atravessou ligeiro para o lado do arraial onde estanceavam os Godos” (Herculano, 1988, p. 56), evidencia-se que nessa aventura é exposto sua coragem e força heróica. Já no romance *O Guarani*, o selvagem faz semelhante ação, quando salva Cecília dos perigos da mata, carregando-a nos braços: “Peri tomou-a nos braços, deitou-a sobre a relva e sentou-se de novo junto ao tronco da

árvore tranquilo a respeito de Cecília, que desapareceu da esplanada e estava fora de perigo” (Alencar, 2002, p. 254). Na passagem, vê-se uma manifestação heróica de Peri, no entanto, ao molde europeu, por possuir habilidades do homem branco relacionadas às façanhas existentes na narrativa.

Ao intentar escrever uma obra que retratasse a nação brasileira, o romancista utilizou-se do cenário nativo para tecer a narrativa de fatos relacionados ao ideário nacional; “[...] o Brasil ideal de Alencar seria uma espécie de cenário selvagem onde, expulso os portugueses, reinariam capitães altivos, senhores de barão e cutelo rodeados de sertanejos e peões, livres sim, mas fiéis até a morte” (Bosi, 2001, p. 138). Percebe-se que, seguindo os princípios do Movimento Romântico, no qual se desligava o que se relacionava à Antiguidade Clássica, Alencar procurou a partir dos elementos da pátria, recriar uma história nacional, com seus estilos e ações, com o intuito de caracterizar o país com suas cores, não mais estando ligado ao estrangeiro.

Partindo da perspectiva nacionalista, a narrativa de *O Guarani*, referindo-se especificamente à figura do índio, Montenegro (1938, p. 42) diz que “Alencar procurou criar o homem não à sua própria semelhança, mas à semelhança da sua paisagem, disforme como a natureza que ele inventa. Suas personagens dão mais a ideia de figuras de retórica do que de figuras de gente: são [...] puramente decorativas”. Ou seja, são personagens criados com semelhanças da paisagem natural brasileira, além do caráter retórico, na qual perpassam suas ações decorativas, com o intuito de repassar ideologias a respeito da construção da identidade nacional.

Ainda sobre o selvagem (Peri) na obra romântica brasileira, o mesmo é desenhado como um ser civilizado que, apesar de viver em meio à floresta nativa, tem êxito em sua comunicação com o outro. “Quanto a D. Lauriana, via em Peri um cão fiel que tinha um momento prestado um serviço à família e a quem se pagava com um naco de pão. Devemos, porém dizer que não era por mau coração que ela pensava assim, mas por prejuízos de educação” (Alencar, 2002, p. 101). Logo, percebe-se que havia certo reconhecimento dos valores heróicos do selvagem em relação à família do nobre português. D. Mariz, o agradecia por ter salvado sua filha Cecília em meio aos perigos da floresta, no entanto, há um olhar especial da mãe de Ceci em relação a Peri, por temer prejuízos à educação da menina, devido sua convivência com um selvagem da floresta.

Mas perpassando um estudo sobre a maneira de o índio se comportar dentro da narrativa, aponta-se sua adesão aos costumes dos aspectos socioculturais do homem branco; “E o índio caiu aos pés do velho cavalheiro, que impôs-lhe as mãos sobre a cabeça. — Sê cristão! Dou-te o meu nome. Peri beijou a cruz da espada que o fidalgo lhe apresentou”. (Alencar, 2002, p. 295), vê-se que o selvagem passa a ser cristão não como submisso, mas como forma de estar próximo do europeu, mas especificamente de sua senhora, Ceci. Ainda em termos de análise do nativo, verifica-se a linguagem utilizada pelo poeta para tecer a narrativa romântica, ou seja, o modo de se comportar do selvagem em meio ao

homem branco e sua cultura, como é registrado no fragmento abaixo:

Como, porém, o italiano, com o arcabuz em face, procurasse fazer a pontaria entre as folhas, o índio bateu com o pé no chão em sinal de impaciência, e exclamou apontando para o tigre, e levando a mão ao peito:

— É meu!... meu só!

Estas palavras foram ditas em português, com uma pronúncia doce e sonora, mas em tom de energia e resolução (Alencar, 2002, p. 22).

Em termos de estudo sobre a análise do diálogo entre o índio e os aventureiros, percebe-se que há entre ambas as partes de nação diferente, uma comunicação que não apresenta falha na fala dos personagens, o índio é visto como indivíduo que demonstra ter conhecimentos não só da floresta, domínio da fauna e flora; mas também da cultura e costumes dos europeus presentes na narrativa, um desses aspectos é a fala do índio em português.

[...] existe uma preocupação evidente para com a linguagem falada no Brasil. Seja por uma atitude nacionalista, seja por ter sentido a ação inegável de outros fatores sobre a nossa língua. O certo é que o diálogo se enriquece a todo o momento, nas obras analisadas, de estruturas orais [...]. Alencar criou polemicas literárias com seu estilo. Expôs-se à crítica, enfrentou as mais violentas diatribes e corajosamente sua posição de renovador (PRETI, 1975, p. 74).

Vê-se que Alencar deseja trabalhar com a linguagem de maneira que possa tanto facilitar a compreensão do público leitor, porque caso, utilizasse a língua Tupi, certamente não teria êxito, como também enriquecer o diálogo entre os personagens. É importante ressaltar que algumas vezes são apresentados vocabulários da língua indígena como forma de fortalecer e mostrar a importância do léxico nativo na narrativa. O fragmento abaixo demonstra tal discussão:

De repente, entre o dossel de verdura que cobria esta cena, ouviu-se um grito vibrante e uma palavra de língua estranha:

— *Iara!*

É um vocábulo guarani: significa a senhora.

[...] De pé, fortemente apoiado sobre a base estreita que formava a rocha, um selvagem coberto com um ligeiro saio de algodão metia o ombro a uma lasca de pedra que se desencravará do seu alvéolo e ia rolar pela encosta. O índio fazia um esforço supremo para sustentar o peso da laje prestes a esmagá-lo; e com o braço estendido de encontro a um galho de árvore mantinha por uma tensão violenta dos músculos o equilíbrio do corpo (Alencar, 2002, p. 95).

Esse panorama descrito acima, pelo romancista, demonstra sua intencionalidade em empregar a dinâmica

com os léxicos tanto do português como do Tupi; quando do uso do primeiro almeja perpassar uma compreensão melhor ao leitor brasileiro que não tem conhecimento da língua indígena, por ser educado aos moldes estrangeiros. Ou seja, a língua portuguesa, no entanto, como forma de enfatizar a fala do personagem Peri, que sendo nativo e vivendo em civilização, o escritor se utiliza deste último, objetivando caracterizar a obra como romance indianista – mostrando a do Brasil.

Ao posicionar-se a favor de Alencar, Bosi (2001, p. 92), defende: “[...] os exemplos mais persuasivos vêm dos melhores escritores. O romance colonial de Alencar e a poesia indianista de Gonçalves Dias nascem da aspiração de fundar um passado mítico à nobreza recente do país”. Logo, percebe-se que não somente o escritor cearense deseja renovar durante o movimento romântico a forma de se fazer arte literária; mas outros poetas como Gonçalves Dias que, em seus poemas, apresenta características relevantes à formação da identidade nacional, na qual retrata a natureza de forma reflexiva, ao público leitor.

Da tradição ocidental, ele retoma apenas, no contexto de seus romances, os costumes medievais, evidentes n’O Guarani, um pouco menos em Ubirajara e bastante secundários em Iracema. E isso revela ainda uma vez a preocupação de fixar as origens de nossa formação, embora estabelecendo correlações com o romantismo europeu que buscava as raízes da nacionalidade na Idade Média (Moraes, 1995, p. 38).

Percebe-se que no decorrer das obras escritas por Alencar, há um amadurecimento na temática histórica indianista, ou seja, existe uma espécie de moderação no trabalho com esses elementos [indianistas], em O Guarani, especificamente, o personagem Peri que é observado como um ser fragmentado, o qual possui traços dos cavaleiros, por sua força, nobreza e convivência harmoniosa com o colonizador. Além, é claro, dá ênfase à valorização da língua indígena como recorte da paisagem brasileira reafirmando suas riquezas e construindo uma identidade própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo apresentado, faz-se necessário uma reflexão a respeito dos resultados obtidos nesta pesquisa bibliográfica, na qual se observa que o índio brasileiro idealizado como herói nacional, [com roupagem europeia], fogia dos traços brasileiros.

Na obra O Guarani, publicado no ano de 1857, é possível encontrar recorrentes marcas de influências estrangeiras tanto na construção dos personagens, como na própria narrativa desenvolvida pelo romancista cearense José de Alencar; que partindo de sua intenção em contribuir com uma literatura renovada, ligada aos princípios das ideias do Movimento Romântico, traz à tona um novo norte à arte, enfatizando aqui a literária.

É importante ressaltar que esse estudo, de cunho bibliográfico, teve como fonte de pesquisa estudos que abordam, a idealização indígena de Alencar, como forma

enriquecedora da identidade nacional, a partir da caracterização do índio, tido como herói, homem forte e nobre.

Observa-se, em termos de estudo, que há ocorrência de limitação sobre o assunto abordado, uma vez que a crítica literária não apresenta estudo satisfatório em relação à construção do índio herói na terra brasileira, com a face do país. Sugere-se, então, que novos estudos possam ser desenvolvidos, a partir desta temática, possibilitando outras tantas pesquisas sobre a questão da identidade nacional indígena, como forma de apreciação e desenvolvimento das Letras – principalmente os romances indianistas de José de Alencar.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. O Guarani. São Paulo: Paulus, 2002.

ARISTÓTELES, Horácio, Longino. A Poética Clássica. (Tradução direta do grego e do latim por Jaiane Bruna). 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

ASSIS, Machado de. Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 - 34: Instinto de nacionalidade. (1ª ed. 1873).

BOSI, Alfredo. História Concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2001.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. 6. ed. Belo Horizonte: Villa Rica Editora Reunidas Ltda, 2000.

DIMAS, A. Espaço e Romance. 1.ed. São Paulo. Ática, 1985.

HUGHES, James. Velká obrazová všeobecná encyklopedie. Praha: Václav Svojtka & Co., 1999.

HERCULANO, Alexandre. Eurico, o presbítero. 7 ed. São Paulo: Ática, 1988.

KOTHE, Flávio R. O herói. Série princípios. 2 ed. São Paulo: 1987.

MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1992.

. A literatura portuguesa. 35.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MARCO, Valéria de. O romance histórico de Alencar. In: GUTIÉRREZ et alii (org). José de Alencar e a cultura brasileira. Anais do I Simpósio Nacional Casa de José de Alencar. Fortaleza; UFC, 2004, p.14.

MEYER, Augusto. A Chave e a Máscara, Editora O Cruzeiro, 1964.

MONTENEGRO, O. O romance brasileiro. As suas origens e tendências. Rio de Janeiro: José Olympio,

1938.

MORAES Pinto, CECILIA Maria. A vida Selvagem: paralelo entre Chateaubriand e Alencar. São Paulo: Annablume, 1995.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. José de Alencar na literatura brasileira, em obras completas de José de Alencar, Editora Aguilar, 1980.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: Revista Anos 90, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995.

PRETI, Dino. Sociolingüística – os níveis de fala. 2ª edição. São Paulo: Nacional, 1975, p. 74.

TUAN. O beijo da mulher-aranha: o espaço na narrativa literária e fílmica. Recife; editora UFPE, 2009.

ZILBERMAN, R. Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes,